

OBRAS CONSULTADAS:

1. CUNHA, L. A. *A Universidade Temporã: O ensino superior da colônia à era Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
2. GALVÃO, W. N. *No Calor da Hora*. São Paulo: Ática, 1974.
3. GUIMARÃES, A. P. *Escola Politécnica da UFBA.- 1896 a 1947 - Síntese das Atas*. Salvador: Escola Politécnica, 1972.
4. *80 ANOS de Escola Politécnica da UFBA - Artigos de Augusto da Silveira Mascarenhas, Hernâni Sávio Sobral, Magno dos Santos Pereira Valente e Norberto Odebrecht*, Salvador, 1977.
5. *NONAGÉSIMO aniversário da instalação da Escola Politécnica da Bahia* - Discurso de Hildérico Pinheiro de Oliveira, Salvador, 1987.

ALTO DO MARIO ou ALTO DA FAVELA?

Claude Santos

Fotógrafo e pesquisador de imagens.

Autor do Projeto "Guia Visual do Cenário da Guerra de Canudos"

Tudo indica que existe, nos estudos do cenário da Guerra de Canudos, um grande equívoco em relação ao Alto da Favela.

Este sítio, durante muitos anos, tem sido confundido com o Alto do Mário, cristalizando um engano que exige esclarecimento imediato por estarmos às vésperas da inauguração do Parque Estadual de Canudos, iniciativa da Universidade do Estado da Bahia - UNEB¹.

O Parque, instalado no cenário da Guerra, tem entre os seus objetivos estimular o turismo histórico na região. Estudantes e estudiosos interessados no tema terão a oportunidade de buscar entendê-lo estando no palco da terrível tragédia sertaneja.

Retomando a afirmativa inicial, apresentaremos alguns argumentos na tentativa de esclarecê-la. Começaremos historiando a locação.

O Alto ou Morro da Favela é, depois da Praça das Igrejas, o ponto mais importante no palco da guerra. Deste sítio tinha-se uma visão total do Arraial. Total e frontal.

Das expedições militares, a primeira a ter este ângulo de visão foi a de Moreira César na manhã do dia 3 de março de 1897.

As expedições anteriores não viram Canudos. A primeira, do tenente Pires Ferreira voltou do Uauá, vila distante do palco, e a segunda, sob o comando do major Febrônio de Brito, depois de combater na Serra do Cambaio e chegar à Lagoa do Cipó, mais tarde Lagoa do Sangue, nos arredores do Arraial de Antônio Conselheiro, retornou abandonando o cenário.

Durante a expedição Artur Oscar esse local se reveste de vital importância.

No entardecer do dia 27 de junho, a primeira coluna chega, sob o fogo cruzado dos jagunços conselheiristas, ao Alto ou Morro da Favela.

A segunda que cumpunha a expedição, depois dos combates do Cocorobó, Macambira e Trabubu, já estava perto de Canudos, deslocando-se pela estrada de Geremoabo, à margem direita do rio Vaza-Barris.

A primeira veio de Monte Santo e a segunda, comandada pelo general Savaget, teve como ponto de partida a cidade de Aracajú. Se encontrariam em Canudos. Porém o desenrolar da refrega não aconteceu como planejaram os militares.

No começo da manhã do dia 28, Artur Oscar manda mensagem a Savaget pedindo que suas tropas se deslocassem para o Alto da Favela. A primeira coluna estava em situação insustentável.

Savaget abandona as posições conquistadas, atravessa o leito seco do Vaza-Barris e segue até o encontro das estradas do Geremoabo e Rosário. Pela do Rosário chega ao alto da Favela.

Manoel Benício, jornalista e combatente que acompanhou a segunda coluna, descreve o encontro com a primeira:

(...) Não era um acampamento, era uma barafunda, um inferno, uma mescla dantesca, satânica, impossível. Cavalos, centenas de cavalos selados, no meio dos feridos, burros arreados junto aos que dormiam pelo chão poeirento e vermelho, de massapê solto, cargas jogadas pelo chão, espingardas cobertas de pó, homens de côcoras, homens curvados ao som das balas, homens de pé com ares de desalento, cobertos de poeira fina do massapê volátil, todo sujo, todo curvado pela tremenda desgraça que o feria, de olhos espantadiços e ânimo frouxo (...)²

Estavam acampados na “toca” ou “gruta” da Favela. Permaneceram aí durante muitos dias.

A fome, a sede, a falta de medicamentos, principalmente, a bravura conselheirista, provocaram inúmeras baixas entre os militares.

Muitos desertaram, fugindo pelas caatingas em busca de água e alimentos.

Ficaram a um passo de mais uma derrota frente aos defensores do Bello Monte.

Depois, com a reorganização dos comboios vindos de Monte Santo, decidiram assaltar o Arraial.

O fizeram ao amanhecer do dia 18 de julho. Na investida usaram o mesmo caminho traçado por Savaget para chegar ao Alto da Favela.

Contornaram pela estrada do Rosário até o encontro com a estrada de Geremoabo, desceram e atravessaram o leito do Vaza-Barris, ocuparam algumas casas do povoado e se estabeleceram a aproximadamente cem metros dos fundos da Igreja de Santo Antônio, ou Igreja Velha.

A esta linha de comunicação entre o Alto da Favela, onde permaneceram instalações militares até o final da Guerra, e as costas da Igreja, denominaram "linha negra". Atrás armaram as barracas dos quartéis gerais, comissão de engenharia e hospital de sangue.

Ao fundo, sinuosa e imponente, a Serra da Canabrava.

As posições ocupadas no cenário continuaram quase as mesmas até o dia 7 de setembro quando, à noite, tomaram a Fazenda Velha, forte trincheira conselheirista.

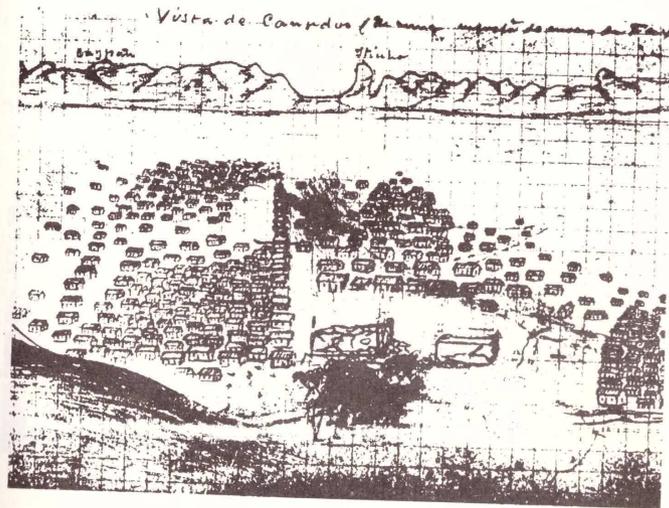
Aqui, retomemos as intenções iniciais deste artigo.

Para facilitar o esclarecimento proposto, pedimos ao leitor que acompanhar dois deslocamentos no cenário.

Num primeiro momento Euclides da Cunha quando chega ao Alto da Favela, no começo da tarde do dia 16 de setembro.

(...) E vingando a última encosta divisamos subitamente, adiante, o arraial imenso de Canudos. Refreei o cavalo e olhei em torno.³

Desenho de Euclides



Esta visão, anotada nas reportagens para "O Estado de São Paulo", será utilizada depois n'Os Sertões, ilustrando a chegada da expedição Moreira César no palco da Guerra.

(...) De súbito, surpreendeu-os a vista de Canudos. Estavam no Alto da Favela. Ali estava, afinal, a tapera enorme que as expedições anteriores não haviam logrado atingir.⁴

Desta “vista” três ilustrações herdamos.

A primeira elaborada por Demétrio Urpia, em Salvador, tendo com base em informações de oficiais da terceira expedição⁵.

As outras duas foram feitas no local do conflito durante a quarta e última investida militar. Tiveram como autores Alvim Martins Horcades e Euclides da Cunha. Ambas tem como ponto de observação o Alto da Favela.

Analisemos a de Euclides. Continuemos acompanhando-o, agora tendo como referência suas anotações na “Caderneta de Campo”.

(...) Dia 19 - ... Parti depois do almoço com Guabiru.
Fui à Favela e à trincheira 7 de setembro ...
Observei pela primeira vez Canudos.
Surpreendente! Tem mais de duas mil
casas...

Dia 20 - ...Continuei e terminei pálido esboço de Canudos...⁶

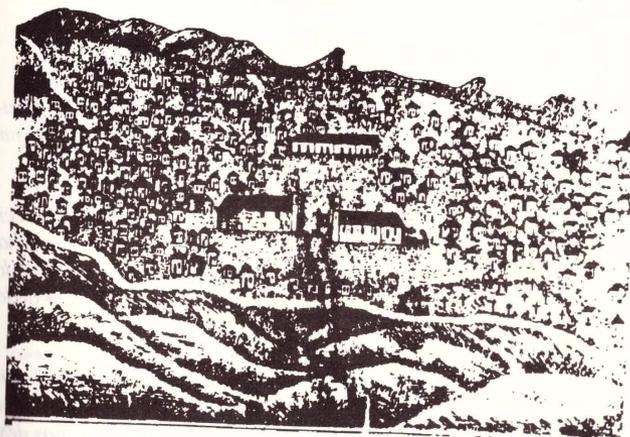
Como já foi dito, Euclides chegou à Favela no dia 16.

Desceu para Canudos, provavelmente pela “linha negra”, e se alojou nos acampamentos militares. Permaneceu aí até a tarde do dia 19 quando subiu à Favela, possivelmente utilizando a “linha negra”, e desceu para a Fazenda Velha, já denominada “trincheira 7 de setembro”. Para chegar a este sítio imaginamos que tenha se deslocado pela Estrada Sagrada, ou de Massacarã.

Neste percurso, de uma das encostas da Favela, cansando os olhos nos binóculos, desenhou o Arraial em papel milimetrado. Começou aí o “pálido esboço de Canudos” que irá continuar e terminar no dia seguinte.

O ângulo é frontal. As Igrejas olham-se e as casas espalham-se em semicírculo. Ao fundo a “elipse majestosa de montanhas”⁷ que compõe o belo e trágico anfiteatro de Canudos.

Desenho de Horcades



Vista de Canudos tirada do alto da Favela
pelo Acadêmico Martins Horcades.

O desenho do acadêmico Horcades, também feito no calor da hora, apresenta o mesmo ponto de visão. Ambos foram elaborados na Favela.

Num segundo momento de caminhada, acompanhemos o correspondente do jornal carioca “Gazeta de Notícias”, Procópio Favila Nunes, quando deixa o palco da Guerra, em outubro, depois de consumada a terrível matança dos canudenses.

(...) Sai de Canudos no dia 8, às 10 horas da manhã, deixando tudo arrasado e triste...

Atravessei os acampamentos da comissão de engenheiros e do resto da cavalaria, descendo pelo hospital de sangue...

Entre no Vaza-Barris e subi o seu leito até perto da Igreja Nova...

Fui depois à Fazenda Velha...

Subindo ao Alto da Favela, perto das nossas velhas trincheiras, encontrei umas mulheres mortas: aí me detive para lançar um último olhar para Canudos...

Lá estavam as ruínas das igrejas, que, vistas de longe, pareciam massas informes inqualificáveis; ao redor delas, milhares de casas queimadas, semelhando um vasto lençol de crepe negro estendido, salientando-se milhares de esteios carbonizados, que pareciam dedos negros apontando o céu! ...

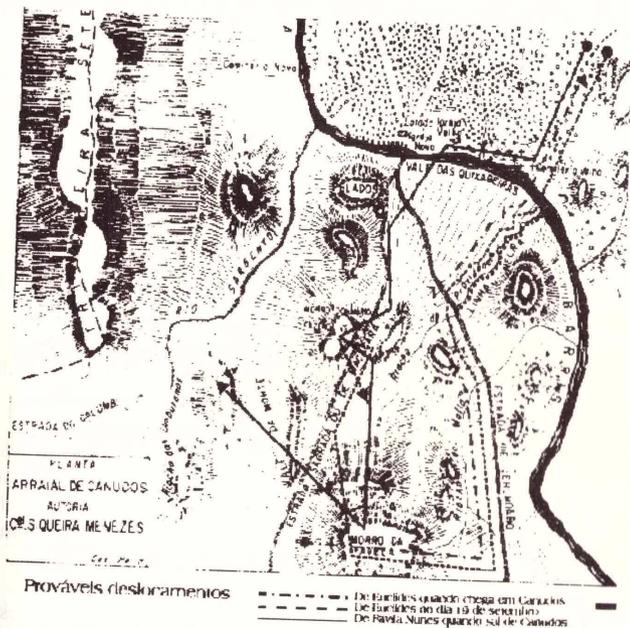
Lá estavam também, em frente ao cemitério, no leito do rio, um grande grupo de prisioneiros jagunços, mulheres e crianças, umas 600 talvez, guardadas por um batalhão; são os últimos resíduos desta nefanda guerra...

Desci da Favela e, antes de atravessar o rio das Umburanas, encontrei ainda algumas mulheres mortas do meio do caminho...

Passando o rio das Umburanas, há ainda uma alta colina, formando um bonito planalto, que denominei Gazeta de Notícias; daí vê-se pela última vez Canudos, quem vem de lá, e pela primeira quem vem daqui.

Desci pelo leito do Riacho do Sargento...⁸

Croqui do Cenário



Acompanhe, leitor, o deslocamento de Favela Nunes no croquis publicado neste artigo.

Provavelmente o repórter deixou a Favela e chegou no Riacho das Umburanas, deslocando-se pelo Vale da Morte, caminho usado pela primeira coluna para chegar ao Morro da Favela no entardecer do dia 27 de junho, quando foram acucados pelos jagunços conselheiristas.

Foi nesta “toca” ou “gruta” que as colunas se juntaram na manhã do dia seguinte.

Também chamado de “matadouro”¹⁰, o Vale da Morte é um raso estreito que se estende das Umburanas até às costas do Alto ou Morro da Favela. Abrigou instalações militares e um cemitério até o final da Guerra, mas, como ponto estratégico, sua importância diminui no dia 18 de julho, quando as colunas que formavam a expedição assaltam o Arraial e se estabelece nos fundos da Igreja Velha, iniciando o cerco que se completou no dia 23 de setembro.

Uma leitura atenta do mapa do cenário feito pelo tenente-coronel José de Siqueira Menezes, chefe da comissão de engenharia durante a quarta e última investida militar, nos esclarece, com precisão, a localização dos sítios citados.

Pelo mapa, estando no Morro da Favela, viamos Canudos de frente, como nos desenhos de Euclides e Horcades.

No final dos anos 40, com o início dos trabalhos de construção do Açude do Cocorobó, o DNOCS colocou no célebre morro um marco denominando-o Alto do Mario. Parece vir daí o equivoco, cristalizado durante quase meio século, confundindo, completamente, a leitura do cenário da Guerra.¹¹

O hoje errôneamente conhecido como Alto da Favela, está perto do Riacho das Umburanas em local distante e sem ângulo de visão da Cidadela.

Quanto ao verdadeiro Alto do Mario, o mapa do militar também é esclarecedor. Fica perto da Fazenda Velha. Euclides confirma-o. Na “Caderneta de Campo” refere-se ao sítio como “Fazenda Velha de Canudos, a 340 metros do arraial”.

O hoje dito “Alto do Mario” está a 1300 metros de Canudos, distância apontada na maioria dos relatos, com pequenas variações como a que separa o Alto da Favela do Arraial.

Também a denominação “Alto do Mario” parece equivocada.

Alguns depoimentos, entre eles o de Siqueira Menezes, denominam “Alto do Maya” ou “Alto do Mayo”, nos levando a imaginar o sítio “malhador” ou “malhada” da fazenda.

A “maiada”, como diz o homem do sertão, é o local onde se deixa a criação para “maiar”, próximo à casa sede.

Portanto, o “Alto do Maya” ou “Alto do Mayo” parece ter sido o “maiador” da Fazenda Velha, principalmente por sabermos não ter existido nenhum “Mario” como proprietário de terras nas redondezas.

Como foi visto, não se trata apenas da substituição dos nomes dos sítios, mas da compreensão real do cenário da Guerra.

E o esclarecimento na localização correta do Morro da Favela, leva a novas leituras do cenário e o entendimento de vários episódios do conflito, até então obscuros.

Para finalizar, usemos as palavras de Henrique Duque-Estrada descrevendo o sítio:

(...) O Alto da Favela, ou Morro Vermelho, constitui uma chapada de uns 800 metros de extensão, com 300 na maior largura, indo da estrada do Rosário em direção a Canudos; em começo, forma uma esplanada em que alguns pés de quixaba e de imbu constituem a única vegetação de maior porte, sendo o mais formado pela grande variedade de espinhos que ali vicejam; lateralmente à esplanada, para frente, correm dois extensos vales pouco profundos, em cujos flancos formam-se outros, numa longa sucessão. Cortando bruscamente a frente, há um outeiro bordado de penhascos, cujo cimo forma outra

esplanada de menores dimensões, inclinando gradualmente até as margens do Vaza-Barris, banhando a Cidadela, em plano inferior a 1.300 metros de distância.

Entre o outeiro, ponto culminante da Favela e Canudos, o terreno que ali medeia é inteiramente desabrigado e nu, cortado pela estrada avermelhada, a qual morre nas barrancas do rio. À esquerda da estrada, cerca de 1.000 metros do outeiro, eleva-se pequeno cerco, muito acidentado, orlado de enormes rochedos, com os restos de uma casa, tudo visível daquela posição: é a Tapera ou Fazenda Velha, a cavaleiro do arraial e onde o coronel M. César foi morto a 3 de março. Portanto, naquela direção é a Favela o ponto culminante; segue-se a Fazenda Velha e finalmente o arraial.¹²

Lendo este relato e caminhando no Cenário da Guerra de Canudos, não terá dúvidas com relação à afirmativa inicial deste artigo.

O local hoje conhecido como Alto do Mário é, na realidade, o Alto da Favela.

NOTAS:

Este artigo e os estudos feitos no Cenário da Guerra de Canudos contaram com a colaboração das seguintes pessoas e instituições: José Calasans Brandão da Silva, Áurea Maria Viana Lima, Marciano Macêdo da Paixão, Aroldo Costa, Manoel Neto, José Dionísio da Nóbrega, Gumerindo Martins, Marcus Gusmão, Sérgio Benutti, Núcleo Sertão da UFBA e Centro de Estudos Euclides da Cunha da UNEB.

1. O Parque Estadual de Canudos foi idealizado por Renato Ferraz, então coordenador do "Projeto Canudos" do CEEC-UNEB, fundado pelo decreto n.º 33.333 de 30 de junho de 1986, no governo de João Durval Carneiro, sendo Secretário de Educação, Dr. Edivaldo Machado Boaventura.

2. Correspondência de Manoel Benício. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. "No Calor da Hora". São Paulo, Ática, 1977, p.245.
3. "CANUDOS, diário de uma expedição". Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. p.85.
4. "Os Sertões". Rio de Janeiro: Laemmert C. Editores, 1903. p. 328.
5. Por não ter estado no cenário da Guerra, o autor da ilustração comete vários erros.
6. "Caderneta de Campo". São Paulo: Editora Cultrix/MEC, 1975. p.54-55.
7. "CANUDOS, diário de uma expedição". Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. p. 85.
8. Correspondência de Favila Nunes. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. "No calor da hora". São Paulo: Ática, 1977. p. 214-215.
9. BENÍCIO, Manoel. *na sua correspondência, se refere a "toca"*. BARRETO, Dantas fala em "gruta" no seu livro "Destruição de Canudos".
10. Correspondência de Benício, Manoel, In: GALVÃO, Walnice Nogueira. "No Calor da Hora". São Paulo: Ática, 1977, p.247.
11. O marco foi colocado no dia 20 de setembro de 1949. Na época também colocaram um marco no hoje conhecido como "Alto da Favela" e, segundo João de Régis, quem indicou o local foi Zé Ciriaco. No sítio existia uma fazenda "Favela", talvez daí venha a confusão. Como o Alto ou Morro da Favela foi um nome dado pelos militares, é difícil hoje obter, entre os descendentes dos sobreviventes, uma informação segura quanto a sua localização. Com relação a denominação "Morro Vermelho", citado pelo tenente Henrique Duque-Estrada, não encontramos nenhum depoimento que a confirmasse.
12. "A GUERRA de Canudos". Rio de Janeiro: Philobiblion-INL-Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p.97.